



As parábolas do Mestre

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Todas os seres humanos que, em todos os tempos, têm habitado este Planeta de expiações e provas são aprendizes, em sua marcha evolutiva, em busca da perfeição e da felicidade.

Nos caminhos da vida cada aprendiz se depara com as lições que lhe dizem respeito, com os trabalhos que precisa executar, com as provas necessárias ao aprendizado e com as retificações indispensáveis.

Nem sempre há o aproveitamento visado nas provas e nos compromissos, que precisam ser repetidos em novas vivências e novas oportunidades.

O aprimoramento do Espírito imortal demanda luta e esforço constantes. Assim tem sido em todos as épocas da história do homem na Terra, na sua busca do progresso nos conhecimentos e nos sentimentos.

É interessante observar que, desde os tempos primitivos, a Humanidade sempre se constituiu de seres em diversas faixas evolutivas, com as raças, povos e nações

ocupando diferentes posições geográficas no planeta.

No seio de uma raça, ou de uma nacionalidade, as individualidades se apresentam em diferentes condições de progresso.

Essas considerações se justificam quando procuramos entender os ensinamentos do Cristo constantes dos Evangelhos.

Muitos estudiosos das religiões cristãs estranham ou não entendem, por que o Mestre não utilizou sempre uma linguagem simples, direta e facilmente inteligível a todos em suas lições e ensinamentos, recorrendo muitas vezes às parábolas, às pequenas narrativas e às coisas do conhecimento comum do povo.

Ao penetrarmos mais a fundo nos ensinamentos do Divino Mestre, sejam eles verbais ou através de exemplificações, verificamos serem sempre sábios e sublimes em todas as suas expressões, inclusive quando prefere o silêncio, na célebre indagação feita por Pôncio Pilatos sobre o que é a *verdade*.

Antes de tudo torna-se neces-

sário lembrar que o Mestre Incomparável deixou a grandeza natural de sua condição de Espírito Puro para vir ao encontro dos homens, em missão ímpar de solidariedade e amor aos seus tutelados da retaguarda.

Para isso humilhou-se, diminuiu-se, a fim de assemelhar-se àqueles aos quais procurava servir, espalhando a luz de uma Revelação nova que marcaria uma Nova Era para a Humanidade.

Nessa missão excepcional o Mestre Divino inicia-se em ambiente humilde, para continuá-la junto a Espíritos simples e amorosos em Nazareth, e depois em contato com doutores, fariseus e saduceus palavrosos e orgulhosos em Jerusalém, ricos e pobres, justos e injustos, velhos e jovens, mulheres e crianças, doentes e sãos, vale dizer, toda a gama de uma população diversificada, representativa da Humanidade nas diferentes condições em que se apresenta.

Na fase final de sua missão escolhe doze discípulos para apoiar-lhe

a obra grandiosa, formando o Colégio Apostólico com o qual mantém estreito relacionamento, ministrando-lhe ensinamentos especiais. Dentre os escolhidos, um se transviou, traindo-o tristemente.

Era diferente a forma utilizada por Jesus quando se dirigia aos apóstolos e discípulos de boa vontade ou ao povo em geral, aos fari-seus e contraditores.

Sua palavra, conforme a ocasião e a oportunidade, era direta e clara, ou velada propositalmente.

Em quaisquer circunstâncias sabia que seus ensinamentos não se dirigiam somente aos que os ouviam diretamente mas ficariam registrados, por alguns de seus discípulos, para serem retransmitidos aos povos no grande futuro, através dos Evangelhos, escritos muitos anos após sua presença entre os homens.

Somente a sabedoria, a superioridade do Mestre poderiam atender a condições tão diferentes na transmissão de sua Mensagem à Humanidade.

A utilização das parábolas – narrações alegóricas nas quais o conjunto dos elementos busca, por comparação, outras realidades de ordem superior – demonstra a sabedoria do Mestre ao valer-se de determinado método capaz de entender o ensino a diferentes aprendizes, em circunstâncias variadas de tempo, de espaço, de entendimento e de idioma.

Jesus desempenhou sua grandiosa missão junto aos homens no seio do povo hebreu, aquele povo que, desde suas origens na Mesopotâmia, passando pela escravidão no Egito, fixou-se finalmente na Palestina.

Ao contrário de todos os povos e civilizações antigas, que criaram e cultivaram o politeísmo religioso para satisfazer às aspirações e crenças das multidões, os hebreus sempre acreditaram na existência do Deus Único.

Tudo indica que esse foi o principal motivo da presença do Cristo no âmago do povo judaico, anunciada pelos profetas muitos séculos antes de sua vinda.

No templo de Jerusalém os doutores da Lei transmitiam às multidões a idéia de que um Messias esperado viria “no seu carro vitorioso, para proclamar a todas as gentes a superioridade de Israel e operar todos os milagres e prodígios”.

(*A Caminho da Luz*, pelo Espírito Emmanuel, 14. ed. FEB, p. 69.)

A vinda do Cristo em condições simples e humildes, contrariando totalmente a perspectiva daquele povo, foi a primeira causa para a não identificação e a recusa do Missionário excepcional.

As outras causas prendem-se às pregações do Mestre, com muitas verdades e retificações que contrariavam as crenças dos orgulhosos judeus, que não podiam admitir, no seu exclusivismo, que seu Deus fosse o mesmo Pai e Criador de todos os homens, de todas as raças e de todos os tempos.

Daquela geração do tempo de Jesus somente uma pequena minoria aceitou seus ensinamentos. A grande maioria recusou sua palavra, suas instruções, suas retificações no entendimento da Lei.

O Judaísmo, exclusivista e orgulhoso, continuou sua saga, sem compreender as pregações e as exemplificações do Mestre Divino.

Mas o Cristo, na sua grandeza e amor exemplificados, nem por isso comprometeu o posicionamento daquele povo rebelde e da coletividade judaica, em suas opções, mesmo sabendo de sua vaidade pretensiosa e impositiva.

Essa foi uma das razões pelas quais se utilizou das parábolas para ministrar seus ensinamentos. Era a bondade do Mestre entendendo o que se entranhara na crença do povo, evitando impor-lhe uma compreensão que correspondia a uma retificação de vários pontos de suas crenças.

A palavra velada pelos símbolos, sujeita a interpretações, não comprometia os que se mostravam avessos ao entendimento exato da Lei, que preferiam continuar com suas crenças tradicionais.

Mas os que estavam abertos à nova compreensão, como no caso dos apóstolos e discípulos, que perceberam a superioridade de Jesus e de seus ensinamentos logo entenderam os símbolos das narrativas alegóricas utilizadas pelo Mestre, que lhes acrescentava as explicações complementares, quando necessárias.

Era a prática do ensino alegórico segundo o qual “muito será dado ao que já tem e ao que pouco tenha, mesmo esse pouco será tirado” (Lucas, 12:48), de tão difícil compreensão pelos que se apegam ao pé da letra das Escrituras.

As imagens e alegorias, ontem quanto hoje, destinam-se a apresentar aos que se apegam ao materialismo figuras emblemáticas daquilo que é essencialmente espiritual.

Os Evangelhos, ao lado de ensinamentos claros e diretos, contêm outros, como as parábolas, que precisam ser entendidas em seu sentido alegórico compreendendo a vida que se desdobra tanto no terreno da matéria quanto no do Espírito.

As crenças humanas nas personalidades do *diabo*, do *demônio* e de *satanás*, e nas figuras do *inferno eterno* e do reino dos céus originaram-se de símbolos interpretados de forma incorreta e infeliz pelas igrejas. Foram a materialização de figuras simbólicas como meio de

amedrontar, de infundir o terror às criaturas inclinadas à prática do mal e à desobediência de regras instituídas pelo poder religioso, durante séculos e milênios.

Essas crenças tiveram sua razão de ser em um mundo atrasado, para impedir a prática de muitos atos originados na consciência de homens inclinados ao mal, até que surgisse a perspectiva de uma nova realidade que veio com o Consolador Prometido.

Agora, com a Nova Revelação, não mais se justificam aqueles símbolos, entendidos como realidades (*satanás*, *céu*, *inferno*) já que o homem tomou conhecimento de que, segundo a Lei Divina, responde pelas conseqüências de seus pensamentos e ações, no bem e no mal, que se projetam no seu futuro, em vidas sucessivas, nas quais resgata e retifica erros cometidos e colhe os frutos do que semeou.



Como exemplo de ensino simbólico de que se utilizou Jesus, em diversas ocasiões, vamos focalizar a célebre parábola do semeador, tomando por base o texto do Evangelho de Mateus, cap. 13, vv. 1 a 23.

Narra o evangelista que Jesus, saindo de casa, foi sentar-se à beira-mar, onde grande multidão se reuniu. Então o Mestre entrou numa barca, aí se sentou, ficando a multidão na praia. E começou a dizer muitas coisas por parábolas:

3. *Eis que o semeador saiu a semear...*

A figura do “semeador” repre-

senta o próprio Cristo, ministrando seus ensinamentos à Humanidade, na forma simbólica do “semear”. Aquela multidão, constituída por indivíduos das mais diferentes condições sociais – homens, mulheres, jovens, velhos, crianças, ricos e pobres – era a representação dos próprios habitantes da Terra, não somente naquele instante, mas também do passado e do futuro, visto que o semeador é também o Governador espiritual deste orbe, como seria revelado com a vinda do Consolador.

4. *Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu à margem do caminho, os pássaros do céu vieram e as comeram* – 5. *Uma outra parte caiu em terreno pedregoso, onde muito pouca terra havia; as sementes germinaram prontamente, pois que a terra ali não tinha profundidade* – 6. *O Sol, nascendo, crestou-as; e como não tinham raízes, secaram.* – 7. *Uma outra caiu entre espinheiros que cresceram e a abafaram.* – 8. *Uma outra finalmente caiu em terra boa e as sementes frutificaram, produzindo aqui cem, ali sessenta, acolá trinta.* – 9. *Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça.* – 10. *Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Porque lhes falas por parábolas?* – 11. *Respondeu Ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles não.*

A narrativa evangélica continua, explicando Jesus aos apóstolos o sentido real de um ensinamento complexo dirigido não a uma classe homogênea de aprendizes atentos e capazes de en-

tender as lições, mas a uma população planetária diversificada, incluídas nela as futuras gerações.

Hoje podemos compreender que a sabedoria e a bondade do Cristo, que acompanha a evolução dos habitantes deste planeta, desde o princípio, não podia deixar de atender àqueles que já se achavam em condições de receber novos ensinamentos.

Mas, de outro lado, o Mestre não podia comprometer uma grande parcela da população que ainda não havia adquirido as condições evolutivas necessárias para a assimilação de verdades novas.

Os orgulhosos e pretensiosos de então e do futuro, os que se contentavam com os conhecimentos que possuíam, os que não aspiravam por melhores sentimentos em relação a seus semelhantes, os que se sentiam satisfeitos com as crenças em suas divindades, ontem como hoje necessitam de amadurecimento espiritual para aceitar novas verdades que contrariam o que está assente e estável em seus sentimentos.

Foi por falsas interpretações da Mensagem deixada por Jesus, levando à confusão os interesses materiais e imediatos com o que diz respeito ao Espírito eterno, na vida material e na espiritual, que o Cristianismo primitivo se transformou nas instituições humanas denominadas igrejas cristãs.

E esse foi um dos motivos determinantes da vinda do outro Consolador prometido e enviado pelo Cristo, para relembrar seus

ensinos e trazer o conhecimento de coisas novas.

As referências da parábola às diversas parcelas das sementes semeadas – as que caíram à margem do caminho e os pássaros as comeram; as que caíram em terreno pedregoso, onde pouca terra havia e o Sol as crestou; as que caíram entre espinheiros que as abafaram; e, finalmente, as que caíram em terra boa e frutificaram, produzindo resultados diferentes, mas positivos – são símbolos das diversas condições em que se encontram partes consideráveis da Humanidade.

O Cristo presta assistência a todos, através de revelações, ensinamentos, esclarecimentos e envio de emissários.

Mas, como se pode observar através da História, o progresso do homem, o aproveitamento espiritual dos habitantes deste planeta é muito lento e apenas uma menor parcela dessa massa humana aproveita as oportunidades que a Assistência Divina lhe proporciona.

A maioria, usando o livre-arbítrio de que é dotado cada ser, persiste no erro e nos descaminhos, desprezando ou não percebendo as oportunidades para o crescimento e a libertação das amarras da ignorância.

Por isso a repetição das vidas na Terra, a bendita lei da reencarnação, é a grande solução para o problema da rebeldia de uns e a dificuldade de outros para o reencontro com o progresso e a evolução.

Na Terra, a realidade do Espírito e o entendimento do que é o

reino de Deus e sua justiça são de difícil compreensão pela grande maioria de seus habitantes, influenciada permanentemente pelas múltiplas formas do materialismo e pelas interpretações religiosas nem sempre correspondendo à verdade.

Os Evangelhos foram no passado e serão no futuro a base para o progresso das almas, iluminando os caminhos da evolução com sua luz imperecível.

Mas essa Mensagem do Cristo precisa ser interpretada em seu justo sentido e não adaptada aos interesses das igrejas, que se transviaram em muitos pontos, inclusive proscrevendo a doutrina da reencarnação, admitida pelo Cristianismo primitivo.

É de Emmanuel a observação de que a Igreja de Roma, “cooperando com o Estado, faz sentir a força de suas determinações arbitrárias. Trezentos anos lutaram os mensageiros do Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pelas estradas da sombra (...)”. (*A Caminho da Luz*, 14. ed. FEB, p. 138.)

Como opor-se aos erros, à rebeldia e aos desvios do espírito humano, que se organiza em instituições poderosas para impor seus pontos de vista e seu entendimento sobre verdades já reveladas pelo Alto à Humanidade? A resposta encontramos no outro Consolador enviado pelo Cristo no tempo oportuno, como socorro e apoio a todos os que já despertaram e procuram seguir o caminho certo. ■

